

Janete dos Santos Bessa NEVES. Corre Voz no jornalismo do início do século XIX. Estudo semântico-enunciativo do Correio Braziliense e da Gazeta de Lisboa. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2012. 208 pp.
ISBN 978-85-8148-049

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Janete dos Santos Bessa Neves é doutora em Letras pela PUC Rio, onde leciona, e fez um pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa. Da investigação realizada durante essa estadia em Portugal resulta este livro.

Nesta obra, que dá conta de uma pesquisa financiada pela CAPES, a autora estuda questões de modalidade linguística e também o conceito de mediativo num *corpus* de jornais do início do século XIX, da época da ida da família real portuguesa para o Brasil, a saber: o *Correio Braziliense* (entre 1808 a 1822) e a *Gazeta de Lisboa* (entre 1808 e 1820). Janete Neves procurou identificar e compreender estratégias linguísticas de modalização e de distanciamento enunciativo no discurso jornalístico da época, que poderíamos considerar os primórdios do jornalismo brasileiro, período caracterizado por especificidades muito próprias. Concluiu que as fontes das notícias raramente eram identificadas e que parte significativa dessas notícias se baseavam em “rumores”, em vozes anónimas e textos por vezes manuscritos, a partir dos quais, por mecanismos de inferência, os textos noticiosos eram elaborados. As fontes usadas, muitas vezes anónimas, podiam também ser jornais estrangeiros, cartas particulares, informações de diplomatas. Considerando também estes dados, a autora estudou a construção da informação. Do estudo realizado, ressalta a conclusão de que havia, em inícios do século XIX, uma maior proximidade entre notícia e texto de opinião, comparativamente com o que sucede nos nossos dias. Os acontecimentos políticos e militares que atravessavam a Europa eram

propícios, aliás, à proliferação de opiniões, não sendo de admirar que a subjetividade estivesse presente no jornalismo.

O livro que agora se aprecia é de indiscutível interesse não só para quem se ocupa de análise do discurso, nomeadamente do discurso de imprensa, mas também para especialistas em jornalismo e ciências da comunicação. Por outro lado, a sua leitura parece-nos também de inegável utilidade para os que estudam o fenómeno da modalidade e a questão do mediativo, independentemente de essa análise ter como *corpus* textos de imprensa ou outros de diversos géneros.

Do ponto de vista teórico, a autora situa a sua investigação no âmbito da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Culioli e, dentro desse quadro conceptual, procura identificar valores modais epistémicos mas também deônticos e apreciativos, como Helena Topa Valentim salienta, na breve Apresentação da obra. Além disso, a análise recorre, com sucesso, ao conceito de mediativo de Guentchéva, ou seja, à ideia de que as informações referidas pelo enunciador (neste caso, o jornalista) não são da sua responsabilidade, porque ele teve delas conhecimento a partir de uma outra fonte. A autora socorre-se ainda, entre muitos outros, dos estudos de Henriqueta Costa Campos sobre a modalidade.

O livro divide-se em 6 capítulos, seguidos de uma conclusão e de um Anexo. Depois da Introdução e de apresentar claramente qual o objeto de estudo, contextualizando-o (cap.2), Janete Bessa problematiza, no 3º capítulo, a relação opinião / notícia e diferencia o jornalismo de inícios do século XIX do de hoje. No ponto 4., resume alguns estudos centrais e clássicos sobre modalidade e afunila, em seguida, no cap. 5., para a conceção de modalidade dentro da teoria enunciativa perfilhada, centrando-se na modalidade epistémica, e tendo ainda em conta os efeitos de assunção e de distanciamento provocados por marcadores modais desse tipo. Por fim, apresenta a noção de mediativo, de grande pertinência teórica para a análise que se segue. O ponto 6, momento central da obra, constitui o estudo empírico, analisando a autora, de forma convincente, diferentes marcadores de modalidade (epistémica, deôntica e apreciativa) e de mediativo, nos dois periódicos em causa. Depois da conclusão e das referências, segue-se um Anexo com notícias da *Gazeta de Lisboa*, de 1808 a 1820.

Um dos aspetos interessantes da obra é a contextualização histórica

que é feita e que melhor permite compreender o tipo de jornalismo de que se dá conta, porque, em parte, algumas das suas marcas decorrem do período histórico conturbado que viu surgir os dois periódicos, com as guerras napoleónicas a devastarem a Europa. A apresentação de cada um dos jornais é também fundamental. O *corpus* usado é muito expressivo: 589 enunciados da *Gazeta* e 227 do *Correio Braziliense*.

A expressão que dá título ao livro “Corre voz de que”, retirada de uma notícia de 1809, da *Gazeta de Lisboa*, é paradigmática do grau de imprecisão das notícias da época. Num outro exemplo, de 1817, diz-se “A 15 deste mez **deve** chegar aqui [...]. **Parece** que receberá [...]”¹. Apesar de concordarmos com a autora quando diz que “um jornal contemporâneo não daria notícias dessa forma” (p.13), não podemos esquecer-nos que o verbo “poder”, por exemplo, está muito presente nas notícias atuais, com um efeito modal idêntico ao dos elementos sublinhados². Aliás, a autora, ao confrontar a época em apreço com os nossos dias, explica como as questões de tipo judicial, configurando, hoje, uma ameaça ou uma forma de pressão para o jornalista, “requerem um distanciamento do sujeito em relação tanto aos fatos como às fontes de informação” (p. 20). Ora, um dos objetivos do estudo é verificar se estratégias de modalização (quer de assunção quer de distanciamento) também estão presentes nos enunciados jornalísticos da época em estudo. Por isso Janete Bessa elenca um conjunto vasto de marcas de subjetividade nas notícias dos periódicos oitocentistas estudados que são, apesar de tudo, mais frequentes e evidentes do que nos nossos dias, dado que questões como a objetividade e a imparcialidade na imprensa apenas surgiram por volta de 1830, como a autora refere (cf. p. 27). As tomadas de posição por meio de adjetivos e da escolha de léxico subjetivo indicam que a imprensa de inícios de oitocentos era predominantemente persuasiva. Como a autora afirma “[...] não havia propriamente notícia, havia basicamente opinião e a notícia entrava na medida em que alguém a usava para dar reforço ao seu ponto de vista.” (p. 31). Um exemplo bem analisado por Janete Bessa é o das perguntas de retórica através das quais, segundo Culioli, não se pretende obter informação nem confirmação mas apenas se coloca em causa as posições atribuídas a um outro de quem se discorda. O

¹ Negrito meu.

² Ver Duarte 2013, para os verbos *poder* e *dever* nos títulos de notícias.

ponto de vista do enunciador é visível linguisticamente através das marcas de modalidade que a autora elenca. Além do dito, do conteúdo proposicional do enunciado, temos de ter em conta o ponto de vista do enunciador sobre esse dito. No cap. 5, a autora refere diferentes manifestações de modalidade, com base, por exemplo, no que Fátima Oliveira sobre ela escreveu em Mateus *et al.* (2003). Refere os verbos modais, advérbios de frase, adjetivos, “frases genéricas que admitem a expressão da capacidade ou possibilidade” (p. 48) e alguns tempos verbais. Falta referir, a meu ver, o futuro perfeito ou futuro composto que, no Português Europeu, tem um inegável valor modal e mediativo, com efeito de distanciamento enunciativo.

Porque situa o seu trabalho de investigação no âmbito da teoria de Culioli, a autora resume os seus traços centrais no cap. 5, com destaque para a modalidade epistémica que Janete Bessa apresenta de forma escalar, indicando que marcadores estão do lado do “não certo” e quais do lado do “certo”, e distribuindo os restantes ao longo de uma escala. Centra-se, sobretudo, na análise dos verbos modais *dever* e *poder*, bem como nas interrogações retóricas. Como dissemos já, também ao conceito de mediativo é dedicado espaço neste estudo. Mediativo é praticamente tomado como sinónimo de evidencial. Com efeito, como a autora sublinha, nem todas as línguas têm recursos morfológicos que identifiquem o mediativo. Retomando a definição de Dendale & Tasmowski (1994), um marcador mediativo define-se como “uma expressão linguística que surge no enunciado e que indica que a informação transmitida nesse enunciado foi retomada pelo locutor a outrem ou foi criada pelo próprio locutor, através de uma inferência ou de uma percepção.” (p. 77-78). Ora, perante o conhecimento construído por inferência, o enunciador distancia-se ou assume a respetiva validação. E isto é feito através de marcadores de modalidade como *he certíssimo*, *he verdade*, *he certo*, *he sem duvida* (expressões de validação total) e expressões de validação parcial como *he provavel*, *he mui provavel*, *he possivel*, *he mui possivel*, entre muitos outros marcadores recenseados pela autora. Também o elenco das fontes de informação do enunciador é eloquente, dado que elas vão dos anónimos e particulares (“Sabemos por via de pessoa em que podemos confiar”, p. 104), ao simples boato (“Corre pelo Continente hum boato de que” ou “Espalhou-se hum rumor”, p. 105), num processo que é, apesar de tudo, menos objetivo e exigente eticamente

do que nos nossos dias. Dentro deste apartado, cabe a análise das formas de impessoalização que revelam um sujeito indeterminado (“dizem”, “falla-se”, etc.) ou a informação compartilhada: “quando o enunciador compromete o coenunciador na validação da relação predicativa” (p. 108) por meio de uma generalização, como se não houvesse contestação possível (“Ninguém duvida aqui de que”, p. 108).

As conclusões da análise são claras e convincentes, revelando que o quadro teórico foi adequado para o estudo dos fenómenos linguístico-enunciativos em causa. Resta acrescentar que o Anexo com notícias da *Gazeta de Lisboa* é útil, dado que não estão disponibilizadas *online*.

REFERÊNCIAS

- Dendale & Tasmowski (1994). L'évidentialité ou le marqueur des sources du savoir. *Langue française* 102 (1), 3-7.
- Duarte, I. M. (2013). Titres journalistiques et dialogisme: la «une» du quotidien *Público*. Casanova Herrero, Emili, Calvo Rigual, Cesareo. (Eds.) *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas*. Berlín: Walter de GRUYTER (vol. VI) 441-450.
- Guentchéva, Z. (1996). Avant-propos et Introduction. In Z. Guentchéva (Ed.): *L'énonciation médiatisée*. Paris: Bibliothèque de l'information grammaticale, 9-18.
- Mateus, M. H. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, revista e aumentada). Lisboa: Editorial Caminho.